

# Os SERTÕES

Amoskra

# Os Sertões

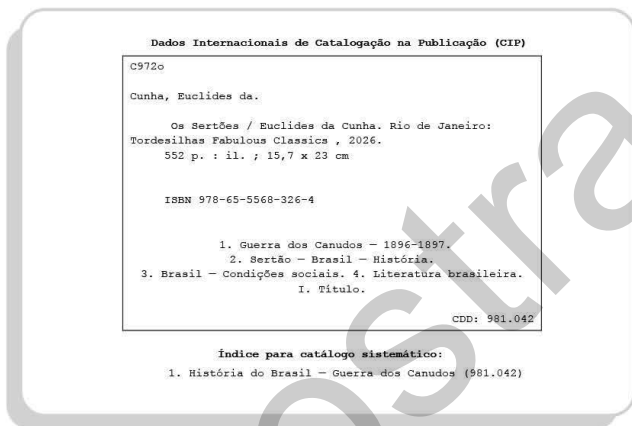
Copyright © 2026 Tordesilhas Fabulous Classics

Tordesilhas Fabulous Classics é um selo da Alaúde Editora Ltda., editora do Grupo Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2026 EUCLIDES DA CUNHA

ISBN: 978-65-5568-326-4

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:** Beatriz de Assis

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Preparação:** Ellen Andrade

**Revisão:** Carlos Bacci

**Produtor Editorial:** Natalia Curupana



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



**EUCLIDES DA CUNHA**

**Os SERTÕES**



Amostra

# SUMÁRIO

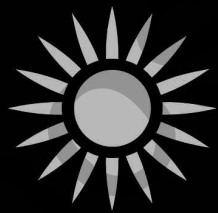
O sertão que Resiste	3
Nota Preliminar	14
Parte 1 - A Terra	17
Capítulo 1	18
Capítulo 2	33
Capítulo 3	37
Capítulo 4	42
Capítulo 5	57
Parte 2 - O Homem	71
Capítulo 1	72
Capítulo 2	95
Capítulo 3	112
Capítulo 4	141
Capítulo 5	168
Parte 3 - A Luta	197
Capítulo 1	198
Capítulo 2	204
Capítulo 3	214
Capítulo 4	222

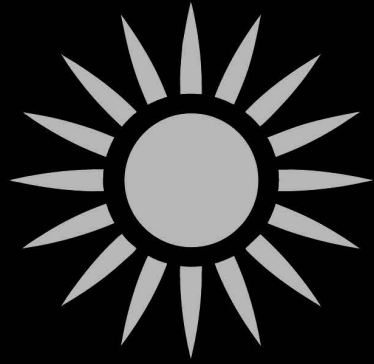
Parte 4 - Travessia do Cambaio	227
Capítulo 1	228
Capítulo 2	234
Capítulo 3	241
Capítulo 4	247
Capítulo 5	253
Capítulo 6	257
Parte 5 - Expedição Moreira César	261
Capítulo 1	262
Capítulo 2	279
Capítulo 3	288
Capítulo 4	295
Capítulo 5	306
Capítulo 6	312
Parte 6 - Quarta Expedição	319
Capítulo 1	320
Capítulo 2	329
Capítulo 3	358
Capítulo 4	374
Capítulo 5	392
Capítulo 6	415
Capítulo 7	432
Capítulo 8	436
Parte 7 - Nova Fase da Luta	449
Capítulo 1	450

Capítulo 2	465
Capítulo 3	474
Parte 8 - Últimos Dias	483
Capítulo 1	484
Capítulo 2	489
Capítulo 3	495
Capítulo 4	502
Capítulo 5	510
Capítulo 6	528
Capítulo 7	532
Notas à 3ª Edição	535
Sobre o Autor	543

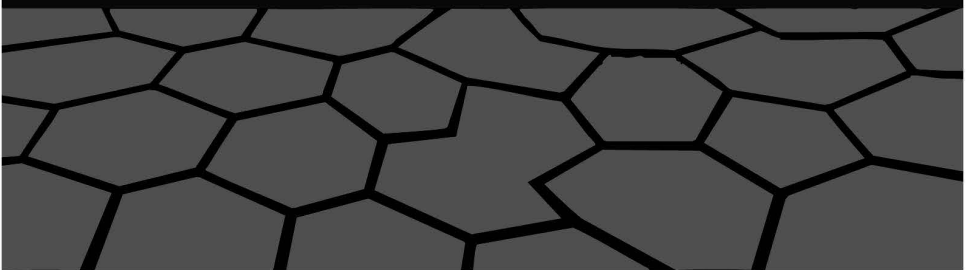
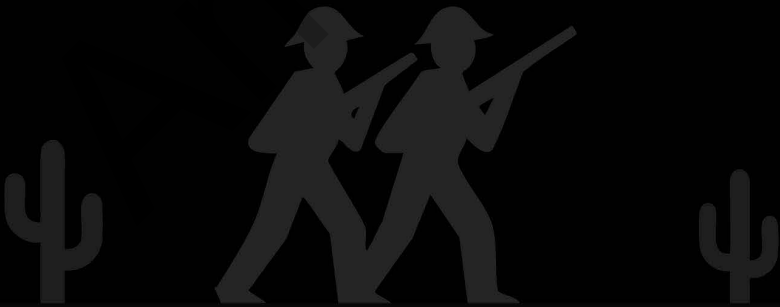
Amostra

Amostra





# ☉ SERTÃO QUE RESISTE



Poucos livros conseguem, como *Os Sertões*, condensar em suas páginas a tragédia e a grandeza de um país inteiro. Escrito por Euclides da Cunha, o livro é, ao mesmo tempo, crônica histórica, ensaio científico e epopeia literária. Não se trata apenas de narrar a destruição de um arraial rebelde no sertão da Bahia, em 1897, é uma tentativa ousada de compreender o Brasil em sua contradição mais funda: litoral e sertão; Estado moderno e populações marginalizadas; ciência positivista e experiência imediata; mito e documento.

Desde a “Nota preliminar”, o autor adverte que o projeto inicial, escrever o relato da campanha militar, transformou-se em algo maior: “*Intentamos esboçar [...] os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil*”. A Guerra de Canudos aparece como ápice da narrativa; no entanto, o que realmente a sustenta é o esforço de inscrever o sertão no mapa simbólico da nação, até então visto apenas como atraso ou deserto a ser vencido.

Ler *Os Sertões* hoje é confrontar-se com esse duplo movimento: de um lado, o olhar marcado pelas teorias científicas de sua época, determinismo racial e evolucionismo social, que soam datadas ou problemáticas; de outro, a força literária e ética de uma escrita que reconhece no sertanejo uma vitalidade bruta, capaz de inverter o juízo superficial. O célebre retrato sintetiza essa tensão entre a aparência de fragilidade e a resistência heroica, entre preconceito e revelação.

Mais de um século depois, *Os Sertões* continua indispensável, pois fala de dilemas que persistem, como a desigualdade regional, a violência do Estado, o choque entre culturas e a luta pela sobrevivência diante das secas e do abandono. O livro é, ao mesmo tempo, documento histórico de um Brasil que o litoral não quis reconhecer e obra literária que obriga o leitor a encarar, com a intensidade de sua prosa, o Brasil profundo que resiste.

## O HOMEM DIANTE DO SERTÃO

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866–1909) foi um homem de múltiplos ofícios: engenheiro, jornalista e intelectual republicano, formado na Escola Militar da Praia Vermelha, onde recebeu forte influência positivista do professor Benjamin Constant. Engajou-se ativamente na propaganda republicana e, aos 31 anos, já colaborava com o jornal *O Estado de S. Paulo*, tornando-se seu correspondente na Guerra de Canudos (1896–1897), experiência que se tornaria o embrião de *Os Sertões*.

Ao deslocar-se para a Bahia a fim de acompanhar a expedição, Euclides chegou com expectativas alinhadas ao discurso dominante: veria no sertão um espaço considerado “atrasado”, palco de uma rebelião monarquista. O encontro com a realidade sertaneja, no entanto, produziu uma inflexão decisiva. Como jornalista e cientista, estabeleceu com o leitor um “contrato narrativo”: não se apoiaria em boatos, mas em observação direta, no “ver e apurar”, recusando as testemunhas e as versões oficiais. Esse método atravessa a escrita densa e descritiva do livro, onde geologia, biologia, etnografia e crônica da guerra se entrelaçam em períodos longos, cadenciados e ritmados.

O embate entre teoria e experiência constitui o núcleo dessa trajetória. De um lado, o determinismo ambiental e racial e o naturalismo, tão presentes na ciência de sua época; de outro, o choque ético com o que encontrou: um povo marcado pela seca, empobrecido e demonizado, mas capaz de exhibir uma resistência brutal. O famoso aforismo — “*O sertanejo é, antes de tudo, um forte*” — cristaliza essa revelação: a superação do preconceito inicial pela percepção da força heroica.

Assim, Euclides emerge como jornalista-cientista-literato. Formado no positivismo, recorre ao método observacional e à linguagem jornalística, mas ultrapassa voluntariamente o relato factual, construindo uma prosa ensaística e quase épica. É nela que o sertanejo e o sertão surgem como protagonistas de uma narrativa fundadora da literatura, da historiografia e da identidade nacional. Em 1902, ano da publicação de *Os Sertões*, essa ambição se torna clara: produzir um livro que, embora nascido da pena de um correspondente em guerra, se eleva a tratado geográfico, ensaio antropológico e epopeia trágica do Brasil profundo.

## ARQUITETURA DE UMA EPOPEIA EM TRÊS ATOS

Ler *Os Sertões* é atravessar um livro que recusa o rótulo de simples reportagem da Guerra de Canudos. Euclides da Cunha organiza a obra em três movimentos, que funcionam como camadas sucessivas de explicação: primeiro a terra, depois o homem, e, por fim, a luta entre ambos e o Estado. Essa arquitetura, pensada com rigor quase científico e ímpeto literário, alterna descrições técnicas, interpretações históricas e passagens de fôlego épico.

### 1º Ato: A Terra

O livro inicia com uma investigação do meio físico: relevo, clima, solos, rios, vegetação da caatinga. Euclides descreve os sertões como um espaço de extremos, onde seca e enchente moldam a vida. É nesse ponto que surge uma imagem central, quando afirma que o sertanejo “nasce do martírio secular da Terra”. A paisagem não é cenário, é personagem: a caatinga áspera, o calor que torra, as enxurradas violentas... tudo concorre para transformar a sobrevivência em epopeia. Para o leitor atual, esse primeiro movimento funciona também como um alerta ecológico: a descrição de desertificação e secas antecipa os debates contemporâneos sobre crise climática e desigualdade ambiental.

### 2º Ato: O Homem

Na segunda parte, Euclides se volta para o sertanejo. Discute as matrizes étnicas (indígena, africana, europeia) sob a ótica do determinismo e do evolucionismo vigentes em sua época, mas deixa entrever uma admiração crescente pela resistência daquele povo. É aqui que formula o emblema do livro: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” Ao longo de páginas densas, descreve tipos sociais (vaqueiro, jagunço, beato) e a vida cotidiana no sertão. Ainda que marcada por preconceitos da linguagem científica, essa seção revela o conflito interno do autor: o homem de ciência, que fala em degenerescência e atraso, e o escritor, que não consegue ocultar a grandeza de um povo resistente, moldado pela terra.

### 3º Ato: A Luta

A terceira parte, a mais extensa, oferece um relato minucioso da Guerra de Canudos (1896–1897). Euclides organiza o episódio em fases, das primeiras expedições fracassadas à destruição final de Belo Monte, o arraial. O texto

combina tom militar (números, estratégias etc.) com indignação ética (batalhas, deslocamentos, cercos e massacres, realçando a desproporção do confronto: um exército moderno contra sertanejos mal armados). O clímax da narrativa está na queda de Canudos, que “*resistiu até o esgotamento completo*” e sucumbiu quando quase já não havia defensores adultos. Aqui, a prosa de Euclides alcança uma dimensão trágica e épica, convertendo a campanha militar em metáfora da violência fundadora do Brasil republicano.

### **Como navegar pelo livro**

*Os Sertões* pode ser lido como uma epopeia científica. Em cada parte, Euclides articula três registros:

- Descrição (*geológica, biológica, etnográfica*);
- Interpretação (*teorias e modelos de seu tempo*);
- Narrativa (*o ritmo épico de batalhas e resistências*).

Para o leitor contemporâneo, uma boa estratégia é alternar o olhar macro e micro: perceber como o autor parte das grandes forças — paisagem, história, Estado — e as condensa nos corpos, gestos e técnicas de sobrevivência e combate dos sertanejos. Assim, o livro deixa de ser apenas um “relato de guerra” e se afirma como reflexão sobre a tensão entre poder e resistência, que ainda estrutura o Brasil atual.

## **LINHAS DE FORÇA DO SERTÃO**

### **Meio × Homem**

Nesta obra, o sertão não é pano de fundo, mas agente ativo da história. Euclides da Cunha descreve a caatinga e o clima em termos quase geológicos, num verdadeiro “laboratório natural” em que se forjam modos de vida. A seca alternada com chuvas torrenciais, os rios que desaparecem no leito de areia, o calor inclemente... tudo molda um tipo humano. O meio impõe uma luta constante pela sobrevivência, fazendo da adaptação do sertanejo um exercício contínuo de resistência e engenho.

Para o leitor de hoje, essas páginas podem soar como uma proto-ecologia literária: nelas já está a percepção de que a natureza não é estática, mas força atuante sobre as sociedades, produzindo desigualdades e exigindo respostas coletivas.

### **O sertanejo**

O segundo eixo é a construção literária do sertanejo. Euclides começa descrevendo-o em termos por vezes caricaturais — “*feio, desengonçado, desnutrido*” —, para então reabilitá-lo pela força e pela resistência. A citação sobre o sertanejo ser forte condensa essa virada: por trás da aparência de fragilidade, há vigor e ímpeto.

Essa ambiguidade percorre todo o texto: o corpo do sertanejo é descrito como marcado pela fadiga, mas capaz de explosões de energia — na guerra ou na lida com o gado. O autor relativiza o estereótipo do “atraso” e inscreve o sertanejo como sujeito histórico, não mero figurante da República.

### **Ciência, literatura e ética**

Um dos pontos mais fascinantes de *Os Sertões* é a tensão entre ciência e experiência vivida. Euclides escreve sob o impacto do positivismo, do determinismo racial e do naturalismo — teorias que, no início do século XX, pretendiam classificar povos e prever comportamentos. Assim, fala em “*degenerescência*” e em “*sub-raças sertanejas*”. Ao mesmo tempo, o contato direto com Canudos produz passagens de empatia e reverência.

O cientista que teoriza encontra o repórter que vê; e ambos convivem com o escritor que estiliza, convertendo observações em metáforas e cadências poéticas. O resultado é um texto deliberadamente contraditório, que reflete tanto as limitações do olhar de seu tempo quanto a potência literária de uma narrativa que resiste a se reduzir a relatório ou tratado.

### **Estado, violência e modernização**

Outro eixo de leitura é político. Canudos não foi apenas uma guerra no interior da Bahia: tornou-se um trauma fundador da República. O Exército moderno, amparado pela imprensa do litoral, destruiu uma comunidade sertaneja que vivia à margem do Estado. A narrativa de Euclides alterna descrições militares minuciosas com indignação ética diante do massacre.

Nesse sentido, *Os Sertões* é também um ensaio sobre o Brasil dividido: o país “do litoral”, urbano e letrado, contra o país “do sertão”, rústico e marginalizado. Mais de um século depois, essa clivagem continua a ecoar em discussões sobre desigualdade regional, centralização do poder e violência de Estado.

### **Voz e forma**

Por fim, há o eixo estilístico. A prosa de Euclides é inconfundível: períodos longos, cadenciados, que acumulam enumerações e metáforas. O vocabulário é técnico e poético ao mesmo tempo, com neologismos e arcaísmos. O autor não apenas descreve, ele mede a terra e a transcreve como um sismógrafo do sertão.

Esse estilo exige atenção do leitor, mas oferece uma experiência singular: atravessar um texto que oscila entre ensaio científico, documento histórico e epopeia literária. As “*Notas à 3ª edição*” revelam a preocupação de Euclides em justificar termos e defender o rigor da linguagem, reforçando o contrato com o leitor. Não se trata de invenção, mas de testemunho moldado pela literatura.

Essas cinco linhas de força — o meio, o homem, a ciência, a política e a forma — oferecem ao leitor contemporâneo um mapa de navegação. Cada uma mostra como Euclides tentou capturar a totalidade de um Brasil ignorado, convertendo uma guerra “menor” em metáfora maior da nação.

### **Galeria de vozes do sertão**

Embora *Os Sertões* seja muitas vezes lembrado como um tratado sobre o território e o povo, ele também é uma narrativa povoada por personagens que ganharam contornos quase míticos. Lidos hoje, funcionam como chaves de entrada para o drama de Canudos e para compreender a tensão entre o sertão e o Estado.

### **Antônio Conselheiro**

Figura central da guerra, o beato Antônio Conselheiro é descrito por Euclides como um profeta penitente: barba longa, andar errante, túnica azul. Mais do que líder religioso, ele simboliza a resistência espiritual de uma comunidade contra a modernidade imposta de fora. É ele quem organiza o arraial de Belo Monte em torno de um ideal messiânico, mas também de solidariedade prática — erguer igrejas, abrir estradas, fundar uma nova sociabilidade. Para o autor, Conselheiro é ao mesmo tempo “fanático” e “visionário”, personagem ambivalente que reflete os limites de sua própria interpretação.

### **Os jagunços**

Chamados pejorativamente pela imprensa do litoral, os combatentes de Canudos são apresentados como homens rudes e analfabetos, mas também disciplinados e leais. Armados de facões, bacamartes e uma fé inabalável, resistem a quatro expedições militares. Euclides os descreve como guerreiros improvisados que, guiados pela crença no Conselheiro, tornaram-se capazes de enfrentar e derrotar tropas muito mais bem equipadas — um exemplo eloquente da força do sertanejo.

### **Os vaqueiros**

Se, na segunda parte do livro, o vaqueiro aparece como tipo social — ágil, valente, quase fundido ao cavalo e ao gado —, na narrativa da guerra ele surge como combatente e guia, conhecedor da terra e das trilhas do sertão. Para o leitor, os vaqueiros representam a ligação íntima entre o homem e a paisagem, a habilidade de sobreviver e lutar em condições extremas.

### **Praças e oficiais**

Do lado do Exército, Euclides descreve tanto o soldado raso, o caboclo transplantado para o uniforme (um sertanejo contra outros sertanejos), quanto os oficiais, formados nas academias militares do Rio de Janeiro, carregando a missão de afirmar a República. Nos relatos das expedições, o autor se detém em nomes, batalhões e estratégias, compondo um retrato do choque entre dois Brasis: o oficial, moderno, e o popular, arcaico.

### **A imprensa e os opinadores do litoral**

Embora não apareçam como personagens de carne e osso em Canudos, os jornalistas, políticos e intelectuais do litoral têm presença constante como vozes que moldam a opinião pública. Nos jornais, o arraial é pintado como ameaça monarquista, como foco de barbárie a ser eliminado. Euclides, ele próprio repórter, registra e comenta esse papel, compondo um coro que legitima a violência de Estado e, ao mesmo tempo, denuncia a manipulação das notícias.

Esses atores transformam *Os Sertões* em uma verdadeira galeria de tipos e forças históricas. Não são apenas personagens de uma narrativa, mas símbolos de tensões estruturais: fé popular, resistência armada, identidade sertaneja, poder estatal e discurso ideológico. Esses perfis funcionam como pontos de referência ao longo da travessia.

### **O ritmo secreto de Euclides**

Ler esta obra não significa apenas acompanhar uma narrativa, trata-se de enfrentar uma experiência de linguagem. O livro é célebre por sua densidade estilística — em certos momentos tão áspera quanto a paisagem do próprio sertão, mas sempre intensa e pulsante. Para atravessar esse universo verbal, três recursos se mostram especialmente úteis:

#### **Vocabulário**

Euclides da Cunha mobiliza um repertório vasto: termos de geologia, botânica e engenharia convivem com arcaísmos e regionalismos sertanejos. Palavras como *tabuleiros*, *caatinga*, *carrascais*, *bacamartes*, ou expressões como “rios que sobem” aparecem com frequência. Consciente de que nem todos os leitores compreenderiam de imediato sua escolha vocabular, o autor acrescentou uma extensa seção de “Notas à 3ª edição”, na qual comenta e justifica esses usos. Para o leitor atual, um glossário é recurso valioso, pois permite consultar o significado dos termos sem interromper o fio da leitura.

#### **Figuras e ritmos**

A prosa euclidiana se distingue por hipérboles, enumerações torrenciais e metáforas telúricas. Montanhas transformam-se em ondas petrificadas; o sertão surge como um oceano de pedras; os combates ressoam em tempestades de fogo. São frases longas, por vezes ocupando um parágrafo inteiro, mas sustentadas por um ritmo oratório e quase épico, como se o autor discursasse em praça pública diante de uma multidão atônita.

### **As “NOTAS À 3ª EDIÇÃO”**

O conjunto de notas que encerra o livro, frequentemente esquecido, funciona como uma janela para a oficina do escritor. Nelas, Euclides comenta verbetes, explica escolhas lexicais e defende sua prosa contra a crítica de hermetismo. Revisitar essas anotações é como ter acesso a um manual dos bastidores, que revela a obsessão do autor pela exatidão das palavras e pela conciliação entre ciência e literatura.

Em conjunto, esses recursos de linguagem transformam a leitura de *Os Sertões* em uma jornada desafiadora e fecunda: um texto que exige atenção, mas

recompensa o leitor com a visão de uma geografia convertida em epopeia e de uma guerra transfigurada em tragédia literária.

### **Ecos de um Brasil inconcluso**

Desde sua publicação, em 1902, *Os Sertões* foi imediatamente reconhecido como uma obra maior — não apenas da literatura, mas também do pensamento social brasileiro. Críticos e intelectuais de diferentes gerações viram nele um marco inaugural para compreender o país. Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro dialogaram com a matriz euclidiana: a ideia de que o Brasil só poderia ser entendido ao voltar-se para dentro, para seus sertões e suas populações marginalizadas. No cânone literário, o livro figura ao lado de *Casa-Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil* como um dos textos fundadores do “pensar o Brasil”.

Os ecos artísticos também são vastos. Glauber Rocha, em *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), transpôs para o cinema o clima messiânico e trágico de Canudos. Na música, compositores como Elomar e Geraldo Vandré trouxeram temas como guerra e sertão para o imaginário popular. Cada releitura reativa o núcleo dramático da obra: a luta desigual entre o Estado central e a comunidade sertaneja.

As reinterpretações críticas recentes iluminam tensões já presentes no texto: o racismo científico que permeia parte da análise de Euclides; a ambivalência entre condenar o “atraso” e exaltar a força do sertanejo; a denúncia da violência de Estado que ecoa até hoje.

*Os Sertões* pode ser lido como espelho incômodo das desigualdades persistentes nas migrações internas forçadas pela seca, nas políticas territoriais que ainda marginalizam o interior, na continuidade da violência estatal contra grupos populares.

Ler Euclides hoje é reconhecer no sertão uma metáfora do Brasil: um país que insiste em sobreviver, apesar de suas fraturas históricas, e que continua a exigir de nós um olhar que vá além dos estereótipos.

## **LINHA DO TEMPO DA GUERRA DE CANUDOS (1896–1897)**

- 1893: Formação do arraial de Belo Monte, liderado por Antônio Conselheiro.
- 1896 (nov.): Primeira expedição militar; derrotada.
- 1897 (jan.–mar.): Segunda expedição; também repelida.
- 1897 (jun.): Terceira expedição; fracassa diante da resistência sertaneja.
- 1897 (jul.–out.): Quarta expedição, com mais de 10 mil soldados; destruição final de Canudos em 5 de outubro.

## **GUIA RÁPIDO DE PERSONAGENS**

- Antônio Conselheiro: Beato, líder messiânico de Canudos; símbolo da fé popular e da resistência.
- Jagunços: Combatentes do arraial, disciplinados e leais; armados precariamente, enfrentaram quatro expedições.
- Vaqueiros: Sertanejos ligados à criação de gado, hábeis em combates e deslocamentos pelo sertão.
- Pajeú: Um dos mais famosos líderes militares de Canudos, estrategista das batalhas.
- Praças: Soldados rasos do Exército, em sua maioria sertanejos pobres enviados contra outros sertanejos.
- Oficiais: Comandantes das expedições, oriundos das academias militares do Rio de Janeiro; representavam a República central.
- Imprensa: Jornalistas e intelectuais do litoral, que difundiram a imagem de Canudos como foco monarquista e de “barbárie”.

## **CRONOLOGIA DE EUCLIDES DA CUNHA**

- 1866: Nasce em Cantagalo (RJ).
- 1885: Ingressa na Escola Militar da Praia Vermelha; aproxima-se das ideias positivistas.
- 1888: Expulso da Escola Militar após protesto contra oficiais monarquistas; reintegrado com a Proclamação da República.
- 1891: Forma-se engenheiro pela Escola Politécnica.
- 1896–1897: Atua como correspondente de guerra em Canudos para *O Estado de S. Paulo*.
- 1902: Publica *Os Sertões*, sucesso imediato.
- 1903: Nomeado chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus (Amazônia).
- 1909: Morre no Rio de Janeiro, assassinado em episódio trágico ligado a questões familiares.